

## A PARTIDA

Francisco Neto Pereira Pinto<sup>1</sup>

Estava atordoado, andava pensativo. Meio que revoltado. Desde que soubera da realização da partida no recém construído estádio, pusera-se a pensar de onde arrumaria dinheiro para assistir ao jogo que marcava a entrada do Norte na segunda divisão, pela primeira vez, acontecimento histórico, – não posso ficar de fora, pensava ele, – vai ser o bicho, e se empolgava.

Casaram-se muito cedo, ele estava no último ano da primeira fase dos estudos básicos e ela no primeiro da segunda, mas eram da mesma idade. Conheceram-se lá, no colégio. Um era ao outro divertimento nos intervalos das aulas ou passa tempo naqueles momentos de explicações de internáveis regras de gramática ou dos longos exercícios de matemática; conteúdos que nunca mais verão na vida. De qualquer modo, sempre arrumam motivos para irem ao banheiro, ou fazer qualquer outra necessidade lá fora, a qualquer lugar, de modo que pudessem ficar longe das vistas dos professores e coordenadores. E não faltavam mais à escola, não pelas aulas, mas por si mesmos, um pelo outro, por seus corpos que se descobriam, por como se sentiam, por como se queriam, todos os dias.

A coisa entre eles foi ficando séria. Tão séria que tiveram de unirem-se sob o mesmo teto. Haviam de juntos criarem o fruto daquelas tantas vezes que fizeram o proibido às escondidas em algum canto escuro da escola, ou de apenas uma, mas o certo é que alguma coisa começava a dar sinais de acontecimento em um lugar bem dentro da moça. Sabiam de toda aquela história de sexo seguro, das explicações nas aulas de Ciências sobre desenvolvimento, sexualidade e coisa do tipo que os enchiam de curiosidade e às vezes os deixavam meio constrangidos. Mas aquilo era coisa lá, de escola, importava-lhes mesmo o que acontecia ali, sempre que podiam, à sua maneira, do jeito que pensavam que era e achavam que tudo aquilo era muito inocente, como eles. A moça ficou mais sensível, por qualquer razão chorava. Tinha medo de que o filho que agora carregava

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ensino de Língua e Literatura/UFT.

na barriga ficasse desamparado. Ficou cheia de instinto maternal. O rapaz, cheio de preocupações; sentia nas costas o peso da responsabilidade, agora não por uma, mas por três vidas agora sob sua guarda. Arrumou emprego em um supermercado e trabalhava todos os dias, o dia todo e chegava em casa tarde e agora só vivia para trabalhar e nunca mais foram à escola.

Relembrava tudo isso e sentia-se nostálgico. A partida estava perto. Não pela esposa, pois de fato ele a amava. – ela realmente é a mulher da minha vida, tinha mesmo de ter casado, repetia o clichê infinitas vezes numa tentativa, inconsciente talvez, de fazer a situação por qual estava passando mais leve, mais suportável, modo de convencer a si mesmo de que fizera o certo. Quanto ao filho, enchia os olhos de lágrimas, só de pensar. – É a coisa mais importante que já tive, é a vida do papai. Disso não me arrependo. Posso é morrer de trabalhar, mas ele vai ter vida de gente importante. Quem sabe jogador de futebol profissional, famoso e rico.

Mas não achava justo. – Desde que casei é isso. Tudo é pro supermercado, pro aluguel, pras necessidades da mulher, pro remédio do filho e...sentia-se inconformado. A partida se aproximava. Chegou em casa cansado. Cansado e preocupado. A partida, tudo estava sendo preparado para a partida. Preocupado e triste. Estava próxima, – a partida de estreia do Norte na segundona, e justo aqui em Araguaína. Era um pensamento constante e intenso, o consumia a não mais poder.

Beijou a esposa e foi para o quarto. Tomou banho. Enquanto banhava-se, pensou na partida. No quanto estava próxima e no que ela significava, para ele, para os amantes do futebol, para a cidade, afinal o Norte agora era segunda, – é o primeiro clube do Estado a ir pra segunda. Meu Deus. Jantaram. Assistiram televisão e foram dormir. A esposa quis fazer amor, mas ele nem tinha pensado nisso. Mas quis cumprir com a obrigação de marido e de macho. Fez sexo com ela. Viu a multidão em coro no estádio, gritando efusiva, vibrando com o primeiro gol do Norte logo aos 10 do primeiro tempo.

Depois de amar, a esposa satisfeita lhe confia – amor, no final do mês é o aniversário da mamãe. Eu prometi dar a ela aquela máquina de lavar...aquela... estive pensando, amor, que ela já está meio cansada. Também, coitada...A multidão gritava. O estádio, a partida, o time do coração. Era a estreia. Segundona. Passou a madrugada em claro.

No outro dia cedo, levantou-se. Foi ao banheiro. Olhou-se no espelho e estava com olheiras. Assustou-se, pois só tinha dezoito. Mas se tivesse lido, talvez faria suas as palavras de certa senhora que uma vez disse que anos de “casamento pesam chumbo”. Quem sabe não tentaria fugir também. Arrumou-se, tomou café e foi para o serviço. Trabalhou dia inteiro e pensou na partida. Na partida que estava próxima. Foi à tesouraria, ao fim da tarde e pediu adiantamento do salário. Precisava passar na farmácia.

– Boa tarde!

– Boa tarde, em que posso ajudá-lo?

– É aqui que estão sendo vendidos os ingressos pra estréia?

– É sim, você vai querer um?

Se o time ganhará a partida? Isso não sabemos.

Mas o rapaz de dezoito será visto gritando, no meio da torcida.